



LEITURA EM REDE: UM EXERCÍCIO HIPERTEXTUAL NA ERA DIGITAL E A ESCOLA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO PARA OS CAMINHOS DE LEITURA

CORTES, Tansise Paes Bóvio Barcelos
Mestre em Cognição e Linguagem - UENF
tansiseboviorp@gmail.com

NUNES, Milena Ferreira Hygino
Mestre em Cognição e Linguagem - UENF
milena.hygino@gmail.com

GUIMARÃES, Décio Nascimento
Mestre em Cognição e Linguagem - UENF
decio.guimaraes@yahoo.com.br

351

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a importância da escola, na figura do professor, na orientação dos alunos para uma leitura qualitativa na internet, levando-se em consideração as características de hipertexto e hipermissão do meio e os hábitos de leitura, dificuldades e/ou facilidades dos jovens usuários. Com base em teóricos como Pierre Lévy, Lúcia Santaella, Nízia Villaça, entre outros, o trabalho mostra as mudanças no ato de ler, com destaque para a Era Digital, e as imbricações entre mídia, linguagem e leitura. Ao final, conclui-se que a leitura deve ser incentivada, independentemente do suporte em que for realizada.

Palavras-chave: Leitura; Internet; Hipertexto.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection about the importance of the school, in the person of the teacher, in guiding students to a qualitative reading on the Internet, considering the features of hypertext and hypermedia of the medium and reading habits, difficulties and/or facilities of young users. Based on theoretical as Pierre Lévy, Lucia Santaella, Nízia Villaça, among others, the work shows the changes in the act of reading, especially in the Digital Age, and the relationship of media, language and reading. At the end, it is concluded that reading should be encouraged, regardless of the medium in which it is held.

Key-words: Reading; Internet; Hypertext.



INTRODUÇÃO

As tecnologias, cada vez mais, estão presentes na vida das pessoas e em todos os setores da sociedade, alterando o estilo de vida, o modo de trabalhar e a forma de relacionamento. A partir das tecnologias digitais (computadores, celulares, *tablets*, *e-books*, *iPads*, *smartphones*, etc.), as possibilidades de interação aumentaram. Os dias parecem estar cada vez mais curtos, “bombardeados” por tanta informação. Os alunos, cada vez mais atuantes no mundo virtual, parecem perdidos, como nômades digitais que não sabem para onde ir.

Alguns estudiosos argumentam que as horas gastas navegando na internet são “inimigas” da leitura, diminuindo a alfabetização, destruindo os níveis de atenção e desperdiçando uma preciosa herança cultural que eles acreditam que seja adquirida apenas por meio da leitura de livros. Outros defendem que o meio digital possibilita outro tipo de leitura que não deve ser desprezado pelas escolas e pela sociedade. Para eles, em vez de os adolescentes passarem a maior parte do seu tempo assistindo à televisão, devem ser estimulados a ler e a escrever na web.

De fato, a leitura, bem como a escrita, na internet, difere dos formatos anteriores (livros, revistas, jornais, etc.). O caráter linear é praticamente abandonado para a prevalência de um percurso de leitura dinâmico, não-linear, hipertextual – no sentido de nós em rede/*links* interconectados –, permeado por linguagens de matrizes verbais, sonoras e visuais, como defendem Nízia Villaça (2002) e Lucia Santaella (2005). Talvez a adaptação mais rápida pelos jovens se dá porque eles “não se incomodam tanto como nós, pessoas mais velhas, com leituras que não se enquadrem ao padrão linear”, de acordo com Rand Spiro (*apud* Rich, s.n.t.), professor de psicologia educacional na Universidade Estadual do Michigan, que está estudando as práticas de leitura dos usuários de internet. “E isso é uma vantagem, porque o mundo mesmo não é linear, e tampouco é organizado em compartimentos ou capítulos separados”.

Os defensores da *web* como veículo de leitura acreditam que os usuários que leem na rede podem, um dia, superar em número os leitores de livros. Ler cinco sites, um artigo de opinião e um ou dois *posts* em blogs, dizem alguns especialistas, pode ser mais enriquecedor do que ler apenas um livro. Na percepção de Spiro (*apud* Rich, s.n.t.), “ler um livro de 400 páginas demora muito tempo”. “Em um décimo do tempo”, ele afirma, a internet “permite que o leitor cubra mais aspectos de um tópico, e de pontos de vista diferentes”.



Independentemente das visões entusiasmadas ou pessimistas sobre a leitura na internet, parte-se do fato de que refletir a qualidade do que se lê na rede deve ser estimulada entre os alunos. As discussões são divergentes e sem fim, mas a escola não deve se afastar delas. É papel também do mediador observar a realidade que os alunos estão inseridos e orientar sobre os prós e os contras do caminho a ser percorrido. E por que não aproveitar as possibilidades da internet para pesquisar sobre literatura, por exemplo, ler textos clássicos e contemporâneos, nutrir-se de informações construtivas também disponíveis em livros impressos?

Com isso, o artigo tem, como tema gerador, a leitura na internet e, por foco, o estímulo à leitura de qualidade na web, como forma de conscientização do que se lê e do que se pode confiar na rede, além de incentivar a busca por textos diversos na rede e o resgate da leitura como ato prazeroso e requisito para a emancipação social e a promoção da cidadania.

A temática deste artigo surge de questionamentos sobre a qualidade do que se lê na internet, a partir do fato de os alunos estarem conectados boa parte do dia e não terem parâmetros bem definidos de análise/escolha da informação. Além de incitar que é possível encontrar informações interessantes na rede de cunho educacional, é preciso estimular essa seleção.

O HIPERTEXTO E O ATO DE LER NA INTERNET

Para refletir sobre a leitura na internet, parte-se da associação do ato de ler com o hipertexto (entendido tanto como dispositivo quanto modo de leitura) para caracterizar as potencialidades da leitura no meio digital. Conforme classifica Lévy (1996, pp. 37, 40) “um hipertexto é uma matriz de textos potenciais [...] que hierarquiza e seleciona áreas de sentido, tece ligações entre essas zonas, conecta o texto a outros documentos”, sendo constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por *links* entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro (LÉVY, 1999, p.56).

Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura (LÉVY, 1996, p.43).



E, indo além, constituem também uma desterritorialização, porque um texto, nas redes digitais, não tem fronteiras nítidas, não há fixidez. O hipertexto agrega estruturas acumulativas, agregativas e suplementares, sai do centro da informação para agregar sentido e atualizar. E esse “processo” de esclarecimento territorializa um significado.

Lévy (1996) considera o hipertexto tanto como objeto (notas de rodapé, *links*, som, imagem, infográficos, tabelas etc.) quanto como modo de leitura (leitura não-linear/salteada, *links* mnemônicos feitos através das associações do leitor, entre outros) e ressalta que o suporte digital o potencializou.

É muito importante refletir sobre essa consideração de Lévy: o hipertexto não é um dispositivo criado na era tecnológica, com o advento da Internet. Como explica Jean Clément (2003), ele existe desde quando se passou a considerar a intertextualidade, depois de um período de inspiração estruturalista (que considerava o texto como objeto fechado e portador da totalidade de seu sentido), ainda na era analógica, por meio de notas de rodapé, da memória etc. Porque, num texto, há sempre conexão entre as partes, uma remissão a outro texto, ou seja, há sempre um hipertexto, explícito - por meio de *hiperlinks*, de referências - ou implícito. Mas se deve admitir que o suporte digital otimiza o seu uso.

Germinante, ramificante, bifurcante, rizoma dinâmico que exprime um saber plural em construção, acolhendo a memória múltipla e multiplamente interpretada de um coletivo, permitindo navegações em sentidos transversais, o hipertexto só desdobra todas as suas qualidades quando imerso no ciberespaço (LÉVY, 1999, p.103).

Maria Augusta Babo, pesquisadora portuguesa em técnicas de escrita e de leitura, complementa:

Em ambiente hipertextual, a leitura deslineariza-se inevitavelmente porque se perde a sequência das páginas, porque se ativam muitas janelas, porque se esfuma a dimensão de totalidade física do livro e de totalidade de sentido da obra. A leitura deixa de ser um ato passivo para passar a ser um ato de decisão e como tal decisivo (BABO, 2004, p.109).

Nessa abordagem, o hipertexto digital é uma “coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’” (LÉVY, 1996, p.44). Destaca-se:

O suporte digital permite novos tipos de leituras (e escritas) coletivas. Enfim, os leitores podem não apenas modificar as ligações, mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens, etc.), conectar um



hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos (LÉVY, 1996, pp. 43, 45, 46).

Sendo assim, o ciberespaço (ambiente da internet) pode ser associado ao hipertexto, por sua característica agregativa, interativa, no qual se pode interagir de uma maneira diferenciada, seguindo caminhos já determinados pelos *links*, que sugerem uma navegação orientada, ou criando novos *links*, perfazendo o caminho por suas escolhas, seus acréscimos à leitura que se faz. “Os hipertextos servem para interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os *links*, e para conduzir o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades” (VILLAÇA, 2002, p.107).

Além de conter vários hipertextos, o ciberespaço pode ser caracterizado como um “mega” hipertexto, numa escala gigante. O ambiente torna disponível um dispositivo de comunicação original, pois ele permite que várias pessoas construam de forma progressiva e cooperativa um contexto comum. Por essa nova modalidade de interação em que as informações estão interligadas em remissões múltiplas, ‘nós’ em rede, concretiza-se o ciberespaço como um espaço hipertextual.

Tal espaço é um ambiente de interação que constituiu um espaço/território real, sendo assumido como a atualização do nosso espaço. Esse novo ambiente, distinto por suas características particulares, exige um comportamento diferente, uma nova cultura, conhecida como cibercultura. É importante lembrar que não se deve contrapor as culturas impressa e eletrônica, como algumas pessoas tentam fazer. Porque não haverá, ao menos por enquanto, a substituição de uma pela outra que se apoia nas ferramentas do ciberespaço. Elas se coadunam: “o produto virtual depende do tradicional” (VILLAÇA, 2002, p.101).

O leitor na internet torna-se um *dândi*, um *flâneur*, que perambula, navega na leitura orientada hipertextualmente. “O leitor da leitura na Internet encarna o papel do detetive auditivo que lê as pistas do hipertexto, que segue as linhas e que estabelece uma ligação plausível entre os vários segmentos do texto” (VILLAÇA, 2002, p.109). Outro motivo relevante para a escola promover reflexões entre os alunos sobre os percursos na internet é abordar as possibilidades, que podem ser produtivas ou negativas, dependendo das escolhas que se faça.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM, MÍDIA E LEITURA

A leitura está permeada por linguagens. Lúcia Santaella (2005) fundamenta que as linguagens são muitas. O poder multiplicador e o efeito proliferativo das linguagens estão se ampliando velozmente desde a revolução industrial até, mais recentemente, à revolução eletrônica, prosseguida da revolução informática e digital. Além de crescerem a cada novo veículo ou meio, as linguagens também crescem através do “casamento” entre os meios.

A autora exemplifica que o jornal é, entre outras coisas, uma junção (que deu certo) entre o telégrafo (transmutado em fax e rede de telecomunicação), a foto e a modificação qualitativa da linguagem escrita no espaço gráfico (diagramação, uso dos tipos etc.). Santaella ainda relata que o videotexto – versão rudimentar das atuais redes telemáticas conectadas com os computadores pessoais, cujo modelo é a internet – nasceu da combinação de um banco de dados com o telefone e um terminal de vídeo (SANTAELLA, 2005, p. 28).

A internet é o meio que mais engloba outros meios, o que a caracteriza como um meio multimídia (ou hipermídia). Pollyana Ferrari explica que este termo define a tecnologia que engloba todos os métodos de transmissão de informações baseadas em computadores, incluindo texto, som, imagem, vídeo e animação, popularizada a partir do final da década de 1980, por meio dos CD-ROMs, capazes de reunir enciclopédias inteiras em um único disco ótico. “Com a descoberta da rede hipertextual criou-se a hipermídia, tecnologia que foi beber nas ciências cognitivas e na multimídia, proporcionando ao leitor a possibilidade de ler um aplicativo na ordem que desejar, já que engloba hipertextos e recursos multimídia” (FERRARI, 2008, pp.42-43).

Santaella chama a união entre os meios de hibridização de meios, códigos e sistemas sígnicos. E lembra que esses processos impulsionam o crescimento das linguagens. “As linguagens já tomaram literalmente conta do mundo” (SANTAELLA, 2005, p. 28), com maior ou menor intensidade se está imerso em signos e linguagens, rodeado de livros, jornais, revistas, de sons vindos do rádio, cd. Há um bombardeio de imagens, palavras, música, sons, ruídos vindos da televisão, do cinema, e, com a internet, pode-se ter acesso a informações e se conectar a qualquer parte do mundo em frações de segundos.

Antes do processo digital, os suportes eram incompatíveis: papel para o texto, película química para a fotografia ou filme, fita magnética para o som ou vídeo. Após a digitalização, a



informação é transmitida independentemente do meio de transporte (fio de telefone, onda de rádio, satélite, cabo), mantendo-se a qualidade e a estocagem com custo menor e maior capacidade. Atribui-se esse feito ao desenvolvimento rápido da multimídia, convergindo meios tradicionais no campo digital: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores e programas informáticos). De acordo com Santaella,

[...] nesse ambiente, o texto digitalizado, fluido reconfigurável à vontade, que se organiza de modo não linear, em arquiteturas reticulares, é chamado de hipertexto. A hipermídia é uma extensão do hipertexto, pois não se limita à informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos (símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras), mas também todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, música, sons, imagens fixas e animadas). Em ambos os casos, o termo hiper se reporta à estrutura complexa alinear da informação (SANTAELLA, 2005, p.24).

Para Santaella (2005), a revolução tecnológica é mais profunda do que foi a invenção do alfabeto, da imprensa de Gutenberg, da explosão da cultura de massa. É uma revolução psíquica, cultural e socialmente mais profunda que atinge proporções antropológicas importantes, sendo comparada à revolução neolítica. Fato que culmina na nova ordem econômica, social e cultural mundial. Sem a revolução digital, essa nova ordem não seria possível. Além disso, a digitalização propicia a universalização da linguagem, a compressão de dados que permite estocagem e circulação em grande escala, menos onerosa e a independência da informação digital em relação ao meio de transporte.

Com o universo virtual, surge outra cultura, a cibercultura, e, atrelada a ela, a hipermídia como linguagem. Santaella (2005, pp. 390, 392, 394) define a hipermídia como “uma linguagem inaugural em um novo tipo de meio ou ambiente de informação no qual ler, perceber, escrever, pensar e sentir adquirem características inéditas.” A hipermídia não se resume apenas a um novo meio para transmissão de conteúdos preexistentes, mas é “uma nova linguagem em busca de si mesma”; “a combinação de hipertexto com multimídias, multilinguagens”. “Toda nova linguagem traz consigo novos modos de pensar, agir e sentir.”

Aguiar (2009) concorda com Santaella (2005) sobre o crescimento das linguagens com a união entre os meios, ao afirmar que “[...] a tecnologia de digitalização da informação possibilita a inter-relação entre texto, imagem e som, não sendo apenas uma soma dessas três



matrizes midiáticas, e sim uma produção discursiva disponibilizada de forma integrada e complementar pelo suporte web” (AGUIAR, 2009, p. 169).

Como síntese dos desdobramentos e misturas possíveis das matrizes de linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal, a hipermídia fundamenta formas de pensamento divergentes, semioticamente convergentes e não-lineares, cujas implicações começam a ser identificadas. A hipermídia pressupõe um layout estrutural para a inserção interativa do leitor imersivo, de modo que as estruturas da hipermídia movente fluida - submetida às intervenções dos usuários - constituem-se em arquiteturas líquidas.

A digitalização permite, além da mistura das três matrizes, a organização dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais. Por isso, a hipermídia caracteriza-se pela capacidade de armazenar informação e, através da intervenção do receptor, transmutar-se em diversas versões virtuais. Isso só é possível pela estrutura hiper, não sequencial, multidimensional, que dá suporte às infinitas opções do leitor imersivo em posição de coautor. A hipermídia é uma linguagem interativa, e o leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo. É o usuário que delimita seus caminhos (ou quase, sendo por vezes direcionado), escolhe a informação a ser lida e por quanto tempo. Portanto, a interatividade e a experiência de imersão do leitor-usuário têm ligação direta. Em outro ângulo, tal flexibilidade pode gerar desorientação no usuário.

Assim, postula-se que a multiplicação crescente de todas as formas de linguagem tem suas bases nas três matrizes – sonora, visual, verbal. Os programas multimídia (softwares) “programam as misturas de linguagem a partir dessas três fontes primordiais: os signos audíveis (sons, músicas, ruídos), os signos imagéticos (todas as espécies de imagens fixas e animadas) e os signos verbais (orais e escritos)” (SANTAELLA, 2005, p. 25). A partir dessa multiplicidade de signos compreende-se a leitura em sentido amplo como ato de ler um texto, um vídeo, uma imagem, um áudio. Desta maneira, o texto é algo verbal e não-verbal, sendo tudo que pode ser percebido pelo sentido.

Alguns especialistas em alfabetização dizem que a leitura em si deveria ser redefinida. Para eles, interpretar vídeos ou imagens pode ser uma capacidade tão importante quanto a de analisar uma novela ou um poema. Mesmo aqueles que se mostram mais preocupados com a preservação dos livros reconhecem que as crianças precisam de uma gama mais ampla de experiências de leitura. “Parte do processo deve envolver a leitura informal que eles praticam



em e-mails ou em sites da web. Acredito que todas essas coisas sejam necessárias a eles”, confirma Gay Ivey (*apud* Rich), professor da Universidade James Madison, que se dedica a estudar a capacidade de leitura e escrita dos adolescentes.

APONTAMENTOS SOBRE A LEITURA NO UNIVERSO DIGITAL

Na Era da Fala e da Linguagem (pré-história, entre 500.000 a.C. e 4.000 a.C.), o conhecimento era passado pelas experiências perpetuadas por meio das lembranças mnemônicas. Pela regra, uma pessoa mais velha, que armazenava informações durante toda sua vida, repassava-as aos mais novos esses conselhos. A oralidade tinha uma importância crucial para a informação e o conhecimento.

Segundo Giovannini (1987), a Era da Escrita (4.000 a.C.) propicia o segundo tipo de transmissão do saber com o aparecimento da “mídia portátil”, o livro. Assim, não se dependia exclusivamente da memória para o acúmulo de conhecimento, embora houvesse poucas obras escritas, geralmente a mão. Agora os responsáveis pelo acolhimento do conhecimento pareciam não ser mais os idosos, mas sim o comentarista, o intérprete, o copista ou escriba.

No século XV, na Europa, instaura-se o mundo moderno, que consolida outra visão de mundo e outro modo de agir sobre ele, com a queda das barreiras feudais e a consequente abertura para o comércio. O advento da Imprensa, em torno de 1450 – Mogúncia/ Alemanha, atribuído ao alemão Johannes Gutenberg –, foi, sem dúvida, uma invenção muito poderosa e influente, que impulsionou, também, a mudança da forma de leitura em rolo para a linear (em folhas). Com o barateamento e a possibilidade de reprodução de textos em massa, surgiu a biblioteca - o instrumento ideal de relação com o saber – no qual cada volume ou cada tema remete a outro, em um passeio restrito às paredes do lugar. Desta forma, passa-se do copista, escriba, ao sábio, erudito.

Processos relevantes foram estimulados pela imprensa com os leitores assíduos, conforme aponta Giovannini (1987, p. 135):

Enquanto o “público”, novo sujeito dos acontecimentos históricos, surgia graças ao advento do papel impresso, a inovação tecnológica operava também individualmente uma mudança profunda que distinguia totalmente o homem renascentista daquele antigo e medieval. Segundo a teoria de McLuhan, além da racionalidade do procedimento técnico, o alinhamento das letras no texto e a leitura individual também determinaram o nascimento do homem moderno e



de um novo modo de interpretar o mundo, que sobreviveu até a era elétrica do rádio e da televisão.

A imprensa, mesmo que indiretamente, também tornou possível o ensino básico, com a disponibilidade de inúmeros exemplares de livros, e foi um importante recurso para as revoluções da ciência, por meio dos jornais, das revistas, da comunicação de massa, e até da religião, a partir da Bíblia – o primeiro livro impresso em 1456, conhecida como a “Bíblia de 42 linhas” (Figura 6) ou, normalmente denominada, Bíblia de Gutenberg ou Mazarina, por ter pertencido ao cardeal Mazarin (GIOVANNINI, 1987). Com isso, pode-se reafirmar a imprensa como a matriz de muitas outras invenções importantes, pois influenciou indiretamente as que se seguiram, possibilitando o enorme crescimento da ciência e das tecnologias, e diretamente a sociedade. E a leitura, bem como as escolhas do que se lê, recebem também essa influência.

Para Ferreiro e Palácio (1987), o processo de leitura envolve escolhas/opções, já que o leitor não responde simplesmente aos estímulos do meio, não decodifica apenas a linguagem expressa para ler, mas desenvolve estratégias para compreender o texto de forma que consiga interpretá-lo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) definem a leitura como

[...] o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

No meio digital o hipertexto é potencializado e influencia abruptamente a leitura. Mesmo assumindo o hipertexto como dispositivo e modo de leitura que já existia antes do advento da internet, nas leituras em livro impresso, reconhece-se que no ciberespaço ele ganha outro status, pelas potencialidades do meio. É como se o hipertexto ocorresse mais claramente e em maior quantidade, em todas as suas vertentes, ao ser associado aos links (nós da rede e pensamentos remissivos). Por isso, a leitura no meio digital, bombardeada por hipertextos/links que indicam outros caminhos, pode ser mais “trabalhosa” no quesito atenção. O leitor pode se tornar um dândi, como cita Villaça (2002).



Se, por um lado, a internet apresenta informações de vários tipos e conteúdos, permitindo o acesso rápido que antes era conquistado com muita “luta” (idas a bibliotecas, pesquisas presenciais), por outro, a “grande carga de informação é uma situação que aflige grande parte dos profissionais [professores, educandos etc.] do mundo moderno” (ALMEIDA, 2003, p.96), tanto pela quantidade quanto pela qualidade/credibilidade do que se lê. O sociólogo Bauman chama atenção para o fenômeno do excesso de informação:

Como calculou Ignacio Ramonet, nos últimos 30 anos se produziu mais informação no mundo do que nos 5 mil anos anteriores. [...] Quão difícil é, se não impossível, absorver e assimilar esse volume de informação “disponível” hoje em dia (circunstância que torna a maior parte dela endemicamente desperdiçada, e de fato natimorta) (BAUMAN, 2008, pp. 54-55).

Desta maneira, “a internet, além de apresentar um maior e mais efetivo acesso às informações, pode interferir na forma como essas informações serão utilizadas na aprendizagem de conteúdos significativos” (AMARAL, 2003, p.108), o que torna necessário uma orientação sobre a pesquisa na internet, os conteúdos dispostos, a credibilidade/referência do que se lê e sua utilização, além de analisar se as fontes são seguras. Nesse aspecto, entra também o papel da escola, por meio dos educadores, como estimuladora de um ser pensante, crítico e cidadão.

De acordo com Rubens Almeida (2003, p.104), o “conteúdo digital é um poderoso aliado para o ensino. O grande desafio é trazer essa informação aos educadores, que precisam em muitos casos, vencer sua própria resistência a esse novo meio de acesso a informação”. Quando, de fato, isso acontecer, tendo afastado as mistificações, o distanciamento entre educação e internet será reduzido, tendo ambas como aliadas do ser humano crítico da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura nunca se fez tão necessária nos bancos escolares. Se, por um lado, há o aumento das fontes de pesquisa, por outro, percebemos a grande dificuldade dos alunos em compreender questões eliminatórias no vestibular com informações de jornais, revistas, livros, que não são tão difíceis para aqueles que têm o hábito de se atualizar. Através da leitura, o ser



humano pode vivenciar experiências que propiciem informações e solidifiquem conhecimentos significativos no seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, é papel fundamental da escola, com seus professores e a equipe pedagógica, propiciar aos educandos momentos que possam despertar o gosto pela leitura e a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler. O aluno deve perceber que a leitura é o instrumento-chave para alcançar competências necessárias para uma vida emancipada, produtiva e realizada. Sem ler, o aluno não sabe pesquisar, interpretar, analisar, construir um pensamento crítico sobre o entorno e sobre si. Na internet, não é diferente. O ato de leitura deve ter a mesma importância, sendo ainda mais relevante a conscientização dos percursos nesse meio.

Os dispositivos digitais podem enriquecer e complementar a leitura em papel, por oferecer “novas possibilidades de acesso, consulta de dados linguísticos ou culturais, busca de documentação, intercâmbio de opiniões entre leitores, criação pessoal a partir da obra lida, entre outros recursos” (CASSANY e ALLUÉ, 2012).

Na verdade, a oferta de leitura aumenta com a internet, pois é possível comprar e ler qualquer livro on-line, ou saber em que biblioteca há exemplares físicos de determinada obra, ou ainda averiguar os dados de qualquer volume — o que antes era impossível. A rede inclusive incrementou o consumo de literatura em papel. Enfim, não devemos confundir as garrafas com o vinho. A internet trouxe novos recipientes, novos sistemas de produção e distribuição (mais rápidos e eficazes), que nos permitem tomar vinho e saboreá-lo de novas maneiras, o mesmo vinho de antes ou outros que não conhecíamos... E, com esses novos recipientes, podemos usufruí-lo de outras maneiras. (CASSANY e ALLUÉ, 2012).

É preciso aproveitar a familiaridade dos jovens com as novas tecnologias e sua habilidade de ter uma atenção múltipla para lidar com enorme quantidade links e hiperlinks conectados a um texto para direcioná-los a uma leitura qualitativa na internet, tirando proveito dos estímulos da hipermídia. Porque, se a leitura for de qualidade, não importante o suporte (livro, computador etc.). O essencial é a sua prática.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla (Org.). *Jornalismo on-line: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009. pp. 163-182.



ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

AMARAL, Sérgio F. As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

BABO, Maria Augusta. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. pp. 69-70.

CASSANY, Daniel; ALLUÉ, Consuelo. *Leitura e Literatura na era da internet*. Pátio, Porto Alegre. n.º 15., dez. 2012. Disponível em <<https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/8080/leitura-e-literatura-na-era-da-internet.aspx>>. Acesso em 15 jul. 2014.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, Flora (org.). *Historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRO, Emília. PALACIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

RICH, Motoko. *Especialistas debatem: leitura na web substitui livros?* Tradução de Paulo Migliacci. IVEY, Gay. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/jornais/interna/0,,OI3045697-EI8255,00.html>>. Acesso em 15 jul. 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2005.

RICH, Motoko. *Leitura na internet substitui livros?* Tradução de Paulo Migliacci. Disponível em <<http://www.universitario.com.br/noticias/n.php?i=5285>>. Acesso em 15 jul. 2014.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: Um trajeto de leitura*. RJ: Mauad, 2002.